

CENÁRIO EXTERNO DIFERENTE

PIB patina ao redor do 1% de 2017

O Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro teve crescimento de 0,9% no primeiro trimestre deste ano, na comparação com o mesmo período do ano passado. O dado do Monitor do PIB, que foi divulgado nesta segunda-feira pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), foi o menor desde o segundo trimestre de 2017 (0,4%), já que no terceiro trimestre daquele ano a alta chegou a 1,4% e, no último trimestre, a 2,1%. De acordo com a FGV, o PIB do primeiro trimestre também registrou crescimento de 0,3% em relação ao trimestre imediatamente anterior. Em 12 meses, ele acumula taxa de crescimento de 1,2%. Na comparação com março de 2017, recuou 0,4% no mês de março deste ano.

Mas a divulgação na última semana do Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) com queda de 0,13% para o primeiro trimestre, foi um indicativo pessimista nas expectativas

mais otimistas do governo, que ainda prevê crescimento de 2,5% para o ano. Para o economista Guilherme Mello, professor da **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)**, a tendência é que o PIB evolua próximo de 1%, assim como no ano passado. Mas o cenário internacional também pode trazer complicações.

Ele ressalva que o IBC-Br é tido pelo mercado como uma projeção do PIB, mas a tendência é que o número seja confirmado posteriormente pelo IBGE – o resultado oficial sairá no dia 30 –, o que confirma o cenário de desaceleração. Em 2017, o balanço trimestral do PIB já apontavam diminuição no ritmo de crescimento, com elevação de 1,3% no primeiro trimestre, 0,6% no segundo, 0,2% no terceiro e 0,1% no último.

“No ano passado, o cenário externo ajudou. Neste ano, começou a complicar. É muito provável que a gen-

te tenha um 2018 mais próximo de 2017, com crescimento entre 1% e 2%, mais próximo de 1%. Mas já vai ser diferente, porque, no ano passado, houve um começo com forte crescimento. Agora a ‘largada’ é muito ruim, desalentadora para qualquer previsão”, diz Mello.

Mesmo na linha de uma taxa de crescimento equivalente para este ano, Mello lembra que 2017 foi um ano “atípico”, pois o crescimento foi puxado pela safra agrícola recorde e pela liberação extraordinária de recursos do FGTS e do PIS-Pasep, que impulsionaram o gasto das famílias, mas sem produzir um ciclo sustentável no consumo, que alavancasse a produção industrial e, por consequência, o emprego.

As sucessivas elevações da taxa de juros nos Estados Unidos têm impactado na alta do dólar aqui no Brasil, o que pode ter impacto na inflação e comprometer investimentos. “Isso signifi-

ca mais dólares saindo dos emergentes e voltando para os Estados Unidos. Significa uma moeda mais desvalorizada nos emergentes e o dólar mais valorizado”, explica Mello.

Investidores com dívidas em dólar tendem a ficar mais “cautelosos” e planos de importações de máquinas e equipamentos tenderão a ser adiados, segundo o economista. O câmbio também pode impactar na elevação de preços de matérias primas e dos combustíveis, por exemplo.

No setor automobilístico, por exemplo, 76% das exportações de veículos têm como destino a Argentina, segundo dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea). “A Argentina é um destino grande das exportações de produtos brasileiros, o que pode afetar a produção e a retomada do emprego”, assinala o economista.